

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Etec Prof. Dr. José Dagnoni  
Técnico em Enfermagem

## **OS IMPACTOS DA DUPLA JORNADA DE TRABALHO NA VIDA DAS MULHERES PROFISSIONAIS DA ENFERMAGEM**

Giselle da Costa Valente\*  
Luanderson dos Santos Alves\*\*  
Natalino de Oliveira Leocádio\*\*\*  
Paula Cristina da Silva\*\*\*\*  
Rodrigo Pereira Xavier Ferreira\*\*\*\*\*  
Roseane Clemente Rocha\*\*\*\*\*

**RESUMO:** A dupla jornada de trabalho, combinando responsabilidades profissionais, domésticas e de cuidados familiares, impõe uma carga adicional significativa, com profundas consequências para a saúde mental das profissionais mulheres. O objetivo do trabalho é contextualizar a trajetória da mulher no mercado e trabalho, identificar as consequências da sobrecarga de trabalho à saúde da mulher na enfermagem e promover uma estratégia que colabore para uma reflexão e discussão sobre o tema. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa. Os resultados obtidos indicam que uma dupla jornada de trabalho impõe uma carga adicional significativa sobre as mulheres em especial da enfermagem, afetando sua saúde mental e física. Conclui-se, portanto, que a sobrecarga de trabalho das enfermeiras é prejudicial à saúde física e mental e evidencia a necessidade urgente de implementação de políticas públicas e institucionais que promovam um equilíbrio entre trabalho e vida pessoal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornada de trabalho; Mulher; Enfermagem.

---

\* Giselle da Costa Valente Lima do curso Técnico em Enfermagem, na Etec Prof. Dr. José Dagnoni – [gigikvalente06@gmail.com](mailto:gigikvalente06@gmail.com)

\*\*Luanderson dos Santos Alves do curso Técnico em Enfermagem, na Etec Prof. Dr. José Dagnoni – [luanderson553@gmail.com](mailto:luanderson553@gmail.com)

\*\*\*Natalino de Oliveira Leocádio do curso Técnico em Enfermagem, na Etec Prof. Dr. José Dagnoni – [natalgatim@gmail.com](mailto:natalgatim@gmail.com)

\*\*\*\*Paula Cristina da Silva do curso Técnico em Enfermagem, na Etec Prof. Dr. José Dagnoni – [paula.nv14@gmail.com](mailto:paula.nv14@gmail.com)

\*\*\*\*\*Rodrigo Pereira Xavier Ferreira do curso Técnico em Enfermagem, na Etec Prof. Dr. José Dagnoni – [rodrigopx92@gmail.com](mailto:rodrigopx92@gmail.com)

\*\*\*\*\*Roseane Clemente Rocha do curso Técnico em Enfermagem, na Etec Prof. Dr. José Dagnoni – [rose.c.rocha4@gmail.com](mailto:rose.c.rocha4@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

A incorporação da mulher ao mercado de trabalho acelera-se a partir do final do século passado, mais precisamente entre as décadas de 20 e 70, acompanhando os processos de industrialização e de urbanização da sociedade brasileira (PELEGRINI & MARTINS, 2010), a partir da década de 70, as filhas começaram a cuidar dos negócios da família como butiques, bombonieres, lojas de louça, abrindo espaço para uma nova ocupação Wong (2005)

As transformações vivenciadas pela sociedade brasileira nas últimas décadas, foram fundamentais para garantir a conquista dos direitos das mulheres e inseri-las em sociedade. No entanto, apesar de tal conquista, a classe feminina ainda enfrenta desafios, pois precisam conciliar as demandas de cuidado e do lar com as responsabilidades profissionais, acarretando em duplas e até triplas jornadas de trabalho, o que pode afetar diretamente sua saúde física e mental.

A saúde mental é um dos aspectos fundamentais do bem-estar humano, que influencia diretamente a qualidade de vida e a capacidade de enfrentar os desafios do dia a dia. No contexto profissional, especialmente para as mulheres profissionais de enfermagem, que desempenham múltiplos papéis diários, a questão da saúde mental ganha contornos ainda mais significativos.

Os profissionais de Enfermagem, no desenvolvimento das atividades laborais, estão expostos a fatores de risco e estresse que podem ocasionar desarranjos em sua fisiologia, a exemplo dos riscos biológicos e químicos, da forte carga emocional e física, da atuação em horários atípicos, da insuficiência de profissionais e materiais e das longas jornadas de trabalho (SANTOS *et al.*, 2018).

Diante dos desafios que as mulheres profissionais da enfermagem, enfrentam como longas jornadas de trabalho, exposição a situações de estresse e carga emocional intensa, somadas às responsabilidades domésticas e familiares, surge uma problemática complexa e multifacetada: Como essa sobrecarga de trabalho da mulher na enfermagem, influencia sua qualidade de vida, seu bem-estar psicológico e sua capacidade de desempenhar efetivamente suas funções profissionais?

A escolha deste tema se justifica pela relevância crescente que a saúde mental tem assumido na atualidade em discussões sociais e profissionais, onde a sobrecarga de trabalho é uma realidade amplamente reconhecida, porém muitas vezes negligenciada em termos de suas implicações para a saúde mental da mulher.

Considerando o papel crucial desempenhado por essas profissionais nos sistemas de saúde, compreender e abordar os impactos dessa sobrecarga torna-se fundamental não apenas para a promoção de sua própria saúde mental, mas também para garantir a qualidade do cuidado prestado aos pacientes.

O objetivo deste trabalho é contextualizar a trajetória da mulher no mercado de trabalho; identificar as consequências da sobrecarga de trabalho à saúde da mulher na enfermagem e promover uma estratégia que colabore para uma reflexão e discussão sobre o tema.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa que se desenvolveu por meio de uma extensa revisão bibliográfica, seguida de uma análise crítica. Inicialmente, procedeu-se a uma busca por artigos nas bases de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE) via Pubmed, além da consulta a livros e sites de órgãos oficiais como a Organização Mundial da Saúde (OMS), portarias e Leis do Ministério da Saúde, e revistas especializadas no assunto.

Após a seleção, os estudos foram minuciosamente examinados e fichados de forma sistemática, com o objetivo de obter o máximo de informações pertinentes. Foram priorizados estudos publicados preferencialmente entre os anos de 2010 e 2023, em língua portuguesa, textos completos e acessíveis, que abordassem o tema proposto, visando responder às questões levantadas. A análise dos artigos e materiais envolveu uma leitura inicial dos textos, seguida por uma análise mais aprofundada para identificar as informações principais e relevantes relacionadas ao objetivo deste artigo.

O levantamento bibliográfico ocorreu no período de outubro a novembro de 2023 e a análise crítica ocorreu de fevereiro a maio de 2024.

## **2. A MULHER E O MERCADO DE TRABALHO**

### **2.1 O universo feminino no trabalho**

A relação entre as mulheres e o mercado de trabalho é marcada por um avanço significativo ao longo das últimas décadas. Isso se dá pelo fato de que:

Segundo Pelegrini & Martins (2010, p. 58), “a atuação da

mulher no campo social foi marcada pelo silêncio e discriminação que se concretizou em diferentes formas: nas atividades profissionais, na educação, pela família, nas responsabilidades sociais e na sexualidade”.

O papel das mulheres, culturalmente, aceito, até então, era aquele que as restringia ao espaço privado e as condicionava ao papel de etnias “inferiores”, uma vez que deveria servir às etnias “superiores”. Escravidão, misoginia, exploração das classes subalternas, todas essas opressões ganharam contornos diferenciados a partir da nova óptica estabelecida. Se todos são iguais e livres, não há razões para que mulheres, negros, pobres ou qualquer outra minoria sofra ou seja oprimida e explorada tão fortemente (SIQUEIRA & BUSSINGUER, 2019).

No entanto, o processo de inserção profissional feminino ao mercado de trabalho, iniciou-se com a Revolução Industrial ocorrida no século XIX, onde muitas mulheres começaram a trabalhar em fábricas, principalmente nas indústrias têxteis. Contudo, foi uma evolução marcada pelo preconceito e outros desafios, como baixos salários e condições precárias de trabalho.

A partir disso, os papéis sociais ligados à mulher vêm passando por grandes transformações, principalmente a partir da década de 1960, quando aconteceram os principais movimentos feministas (BERTOLINI, 2002). A figura de uma mulher ligada exclusivamente ao lar, aos cuidados com os filhos, familiares e assuntos domésticos já não corresponde à sua imagem no século XXI. Elas estão cada vez mais atuantes nos espaços até então ocupados pelos homens. Nesse contexto, a pílula anticoncepcional exerceu papel importante no processo de mudança social, pois permitiu aos casais escolherem o melhor momento para ter filhos, e as mulheres passaram a ter uma maior disponibilidade para atuar fora do âmbito doméstico (Bertolini, 2002).

Contudo, para Pelegrini e Martins (2010, p. 147), “ainda que se reconheçam os avanços obtidos como resultado da luta empreendida pelas mulheres, a consolidação da igualdade está longe de ser materializada”, uma vez que, apesar de todos os avanços conquistados, a mulher ainda é vista como a principal responsável pelas atividades domésticas e de cuidado, mesmo que trabalhe fora.

## **2.2 A relação entre a mulher profissional e os cuidados domésticos e familiares**

As tarefas domésticas a séculos estão sob os cuidados das mulheres, Kuchemann e Pefeilsticker (2010, p.3-4) citam que:

[...] historicamente, coube às mulheres principalmente a responsabilidade sobre as tarefas reprodutivas, enquanto aos homens foram delegadas as tarefas produtivas, pelas quais passaram a receber uma remuneração. As construções culturais transformaram essa divisão sexual do trabalho em uma especialização “natural”. Além disso, o papel de esposa e mãe foi mistificado: o fato de que as mulheres se dedicassem somente ao lar se transformou em um símbolo de status e gerou-se um culto à domesticidade, no qual a família e o domicílio passaram a ser considerados espaços de afeto e criação a cargo delas

Ainda conforme as autoras, estes aspectos favorecem duas crenças: a de que o trabalho doméstico deve ser feito pela mulher e a de que estas atividades não são trabalho.

O cuidado tem como objeto principal o outro e a atenção às suas necessidades, como a alimentação, a higiene, a cura das enfermidades e o alívio do sofrimento. Também é uma atitude de responsabilidade, ocupação, preocupação e envolvimento com o outro (CALLADO, 2006).

Assim, o cuidado de um familiar dependente no ambiente doméstico, é exercido em maioria por mulheres, que são as cuidadoras familiares. Caracteriza-se o cuidador familiar como uma pessoa das relações familiares, que executa em ambiente doméstico o cuidado com a saúde e o bem-estar de um membro da família em tempo demasiado ou longas jornadas, sem receber remuneração ou benefício social do Estado. Elas são as principais responsáveis pela gestão do cuidado, que consiste em alimentar, vestir, medicar, higienizar, dedicar afeto, direcionado ao marido, aos pais e irmãos, garantindo-lhes saúde e bem-estar. Não recebem benefícios sociais ou remuneração por essa atividade. No Brasil, este trabalho não é reconhecido, e elas são quatro em cada cinco cuidadoras familiares (GOIKOETXEA, 2010).

De acordo com os dados divulgados pelo SEADE – Sistema Estadual de Análises de Dados (2023, p. 1), na atualidade, a mulher ainda é a principal responsável pelos cuidados da casa, dos filhos e enfermos. Os dados da SEADE (2023) para o Estado de São Paulo, mostram que:

Em 2021, 42% das famílias do Estado de São Paulo tinha algum membro que necessitava de cuidados. Entre essas famílias, 37% tinham enfermos de 6 a 59 anos, 29% possuíam idosos de 71 anos e mais, mesma proporção daqueles de 60 a 70 anos, 24% contavam com crianças de até cinco anos e em 13% havia presença de pessoas com deficiência,

1 entre 6 e 59 anos. Nas famílias com crianças de até cinco anos, 100% tinham cuidador, sendo que nas demais esse percentual não ultrapassava 30%. A idade mais avançada não aumenta a proporção de cuidadores, uma vez que é praticamente igual entre famílias com idosos de 60 a 70 anos (19%) e com aqueles de 71 anos e mais (20%). A maior parte dos cuidadores era composta por pessoas da família, sendo pequena a parcela de babás, cuidadores e empregadas domésticas (7%).

Nessa perspectiva, infere-se que quando a mulher escolhe atuar em sua profissão, ela frequentemente enfrenta a necessidade de equilibrar suas responsabilidades profissionais com as demandas domésticas. Isso resulta em um fardo duplo, onde, além de enfrentar longas e exaustivas jornadas de trabalho externo, ela ainda é esperada para gerenciar as tarefas domésticas e o cuidado da família ao retornar para casa.

Desse modo, permanecer no mercado de trabalho, conciliar a vida pública com a vida privada, atender às diversas solicitações dos "mundos" diferenciados torna-se um grande desafio para essas mulheres (SPINDOLA, 2000).

### **2.3 A dupla jornada de trabalho das mulheres profissionais da enfermagem e sua implicação na saúde mental**

A enfermagem é uma profissão dinâmica, envolve conhecimento, habilidades, agilidade e força física. O ritmo de trabalho dos profissionais de enfermagem é intenso para promover a assistência aos pacientes atendidos em uma instituição de saúde, são muitas horas em pé e o deslocamento pelos ambientes é constante. As jornadas de trabalho são desgastantes, muitos profissionais de enfermagem têm outro vínculo empregatício, cumpre em outra instituição uma segunda jornada laboral, sem contar as enfermeiras que ainda desempenham o papel doméstico ao chegar em casa. Dessa forma, a equipe de enfermagem é acometida pelos estressores laborais, decorrente da dupla jornada de trabalho, ocasionando uma série de consequências físicas e mentais (MELO *et al.*, 2020).

Considerando que a equipe de enfermagem é composta predominantemente pelas mulheres, é importante que se reconheçam as diferenças inerentes ao gênero para qualquer análise do processo saúde-doença dessa classe trabalhadora. Assim, enquanto as atividades domésticas, geralmente atribuídas às mulheres, não são consideradas "trabalho" pois tratar-se-iam apenas de atividades de manutenção das condições para a realização do autêntico trabalho, a desigualdade entre os sexos é perpetuada, causando maiores agravos à mulher trabalhadora (ROCHA & DEBERT-

RIBEIRO, 2001).

Essa dupla jornada de trabalho traz repercussões para a organização do processo de trabalho e, conseqüentemente, para a produção do cuidado. Além disso, as condições de atuação das trabalhadoras de enfermagem, caracterizadas, por vezes, pela sobrecarga nas atividades domésticas e pela jornada em regime de plantões, são fatores de risco para a segurança do paciente (NOVARETTI et al., 2014).

As condições de trabalho são em sua maioria inadequadas, os profissionais de enfermagem realizam extensas e cansativas jornadas de trabalho, somadas a desvalorização e ao baixo salário, que impactam de maneira negativa, destacando o desenvolvimento de danos psicológicos como, o estresse, a ansiedade, a depressão e a síndrome de *Burnout* (NASCIMENTO et al., 2022).

Sabendo, portanto, que a Enfermagem é uma profissão caracterizada pelo extremo consumo físico e mental, resultando em desgaste, fadiga e sobrecarga no cotidiano, principalmente em decorrência de uma longa e cansativa jornada de trabalho (SILVA et al., 2006), fica evidente que essa sobrecarga pode levar a níveis elevados de estresse e esgotamento físico e emocional, comprometendo tanto a saúde das enfermeiras quanto a qualidade do cuidado prestado aos pacientes, uma vez que sua jornada de trabalho não está relacionada apenas aos hospitais.

Após um plantão árduo e cansativo, muitas enfermeiras ainda enfrentam outra jornada de trabalho, sem qualquer tipo de remuneração, que ocorre dentro de seus lares. Cabe ressaltar que, no imaginário sociocultural, considera-se trabalho apenas àquelas atividades que agregam valor financeiro, portanto, os afazeres domésticos e as responsabilidades com a família, por não gerarem produtos de valor e/ou capital, não são consideradas como trabalho. No entanto, o trabalho não se restringe às atividades profissionais (ALBUQUERQUE et al., 2016) e os afazeres domésticos tendem a ser ainda mais desgastantes, pois são realizados 24 horas por dia nos 7 dias da semana.

A sobrecarga de trabalho resultante da dupla, e muitas vezes tripla, jornada de trabalho compromete significativamente o desempenho das enfermeiras em suas múltiplas tarefas diárias. Essa exaustão não apenas afeta a eficiência e a qualidade do trabalho realizado, mas também se reflete diretamente no cuidado oferecido aos pacientes, que pode ser prejudicado pela falta de tempo e energia necessários para

um atendimento adequado e humanizado.

Nessa perspectiva, Schultz *et al.* (2022), afirmam que a dupla jornada de trabalho é responsável por fragmentar a assistência de saúde e impedir que os cuidados de enfermagem sejam conclusivos e eficazes, exigindo que haja frequente reorganização. Ademais, sentimentos como medo, estresse, e insegurança passam a fazer parte do cotidiano de enfermeiras que estão com sobrecarga de trabalho.

Dessa maneira, fica evidente que a saúde de todo e qualquer trabalhador reflete no cotidiano laboral e este por sua vez influencia a sua saúde. Entre uma pessoa e seu ambiente de trabalho material, psicológico e social existe uma interação permanente que pode influenciar positiva ou negativamente seu bem-estar físico e mental (MAURO *et al.*, 2010).

Portanto, a sobrecarga de trabalho que estas mulheres enfrentam tem atuação direta na sua vida. Não há tempo para se cuidar, conhecer o verdadeiro estado de seu corpo e suas reais necessidades, pois existe acúmulo de obrigações e preocupações. Há um desgaste em todos os sentidos e a possibilidade de adoecer em decorrência dessa situação (SALIMENA *et al.*, 2014).

Na perspectiva de Silva e Queiroz (2011), o esgotamento corporal e mental é decorrente da estreita relação entre o trabalhador e os fatores estressores da subjetividade do trabalho. Dessa forma, a repetição das atividades e o acúmulo de afazeres profissionais e domésticos, pode desencadear problemas ocupacionais graves nas mulheres trabalhadoras de enfermagem, como exemplo da *Síndrome de Burnout*.

### **3. DISCUSSÃO**

A concepção acerca de que pessoas do sexo feminino configuram-se como protagonistas do trabalho doméstico, do cuidado do lar/família e da criação dos filhos, ainda é muito presente em nossa sociedade atual (ocidental contemporânea). Deste modo, e ainda que alguns homens venham mudando sua postura no sentido de posicionarem-se de maneira proativa e participativa na vida e na rotina familiar, a responsabilidade relativa ao cuidado com a casa e os filhos permanecem irremediavelmente associada à figura da mulher (RODRIGUES *et al.*, 201).

Na enfermagem, ainda se preserva uma representação de que o papel feminino esteja interrelacionado ao papel materno de promoção do cuidado e da afetividade nas relações. Este fato está diretamente ligado à concepção do “ser

mãe”, como aquela pessoa que cuida, nutre e educa (SOUZA *et al.*, 2014). Nessa perspectiva, a mulher trabalhadora de enfermagem, acaba por acumular múltiplas funções, uma vez que os afazeres domésticos e os cuidados com os filhos, ainda são predominantemente responsabilidades delas.

É importante ressaltar que, após a decisão de ter filhos, a mulher se depara com um novo cenário, a maternidade. Conforme visto o papel da mulher como mãe continua a ser reproduzido através dos tempos, entretanto, na atualidade, soma-se com o papel de empregada formal. A sobrecarga de trabalho gerada é naturalizada pela sociedade, sendo necessário a problematização do tema a fim de mudar o cenário vivido pela grande maioria da população feminina (SILVA, GATTO & COSTA, 2022).

No estudo realizado por Soares *et al.* (2021), os autores evidenciam que a dupla jornada de trabalho é prática comum entre os trabalhadores de enfermagem, que optam por acumular mais de um vínculo empregatício. Contudo, a vida da mulher trabalhadora de enfermagem acaba sendo mais exaustiva, pois, de acordo com esses autores, as enfermeiras, além de acumularem mais de um vínculo empregatício, ainda desempenham o papel de cuidadora do lar e dos filhos, sem qualquer remuneração excedente.

Essa dupla e até tripla jornada de trabalho exaustiva, enfrentada pelas enfermeiras, pode resultar em picos de estresse e esgotamento físico. Para Silva, Gatto e Costa (2022), a acumulação de responsabilidades profissionais e domésticas gera uma pressão constante, resultando em estresse e esgotamento físico e mental. Essa carga adicional afeta diretamente o desempenho das enfermeiras, comprometendo a qualidade do atendimento aos pacientes devido à falta de tempo e energia para se dedicar plenamente às suas funções.

Salimena *et al.* (2014) complementa essa ideia, afirmando que as condições de trabalho das enfermeiras, somadas às responsabilidades domésticas, impactam sua saúde e qualidade de vida. Aponta, ainda que a dupla jornada não só intensifica o desgaste físico e emocional, mas também perpetua a desigualdade de gênero no mercado de trabalho. Os autores sugerem que políticas públicas e institucionais devem ser implementadas para reduzir essa sobrecarga, como a promoção de horários flexíveis e o suporte psicológico, visando melhorar o bem-estar dessas profissionais.

Na perspectiva de Albuquerque *et al.* (2014), a sobrecarga enfrentada pelas enfermeiras reflete as expectativas sociais de que as mulheres devem assumir a maior parte das tarefas domésticas e de cuidado. Os autores argumentam que essa divisão desigual do trabalho não apenas prejudica a saúde mental e física das enfermeiras, mas também limita suas oportunidades de crescimento profissional e pessoal. Além disso, esses autores defendem uma redistribuição mais equitativa das responsabilidades domésticas como essencial para alcançar a igualdade de gênero e mitigar a exaustão das profissionais de enfermagem.

Portanto, a sobrecarga e a desvalorização contribuem para o adoecimento psicológico e para o aparecimento de Transtornos Mentais Comuns (TMC) que se apresentam sob a forma de insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento e dificuldade de concentração que, em longo prazo, podem provocar sequelas físicas e psicológicas. Apesar disto, as enfermeiras tendem a desenvolver um senso de responsabilidade, envolvimento afetivo e compromisso social na condução de suas atividades profissionais (ALBUQUERQUE *et al.*, 2014).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise crítica dos materiais revelou impactos negativos na qualidade de vida, bem-estar psicológico e capacidade profissional dessas mulheres. A sobrecarga de trabalho contribui para o adoecimento psicológico e para o aparecimento de Transtornos Mentais Comuns (TMC), como insônia, fadiga, irritabilidade e dificuldade de concentração, que podem provocar sequelas físicas e psicológicas a longo prazo.

Além disso, a perpetuação da desigualdade de gênero no mercado de trabalho devido à dupla jornada, ressaltam a necessidade de implementação de políticas públicas e institucionais que promovam horários flexíveis e suporte psicológico para essas profissionais.

A redistribuição equitativa das responsabilidades domésticas é apontada como essencial para mitigar a exaustão e promover a igualdade de gênero. Essas medidas são vistas como fundamentais para melhorar as condições de trabalho das enfermeiras, promovendo um ambiente mais saudável e equilibrado, tanto no âmbito pessoal quanto profissional.

Conclui-se, portanto, que os objetivos deste estudo foram alcançados ao

contextualizar a trajetória da mulher no mercado de trabalho.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, G. A.; NUNES, J. F. C.; BELÉM, J. M.; LEITE, M. F. et al. Dupla jornada de trabalho: implicações na saúde da enfermeira. **Revista Enfermagem UFPE On Line**, Recife, v. 10, n. 9, p. 3401-3410, set. 2016.

BERTOLINI, Lucila Benatti de Almeida. **Relações entre o trabalho da mulher e a dinâmica familiar**. 2. ed. São Paulo: Vetor, 2002.

CALLADO, Maria Josefa Garcia. Mujeres y resiliencia. In: MIGUEL, P. (Ed.). **Espiritualidad y fortaleza femenina**. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2006.

GOIKOETXEA, María Jesús. Dolor sufrimiento y muerte desde la mujer. In: DÍAZ, J. T. (Ed.). **Mujer, mujeres y bioética**. Madrid: Universidade Pontificia de Comillas, 2010.

KUCHEMANN, B. A.; PFEILSTICKER, Z. V. S. Cuidado com os idosos e as idosas: um trabalho feminino e precário. In: IV SEMINÁRIO DE TRABALHO E GÊNERO, 2010, Universidade Federal de Goiás. **Anais... Goiás**, 2010. Disponível em: [https://strabalhoegenero.cienciassociais.ufg.br/up/245/o/Astrid\\_Zilda.pdf](https://strabalhoegenero.cienciassociais.ufg.br/up/245/o/Astrid_Zilda.pdf). Acesso em: 11 abr. 2024.

MAURO, M. Y. C.; PAZ, A. F.; MAURO, C. C. C.; PINHEIRO, M. A. S.; SILVA, V. G. Condições de trabalho da enfermagem nas enfermarias de um hospital universitário. In: ROCHA, L. E.; DEBERT-RIBEIRO, M. (Eds.). **Trabalho, saúde e gênero: um estudo comparativo sobre analistas de sistemas**. São Paulo: Vetor, 2010. p. 244-252.

MAURO, M. Y. C.; PAZ, A. F.; MAURO, C. C. C.; PINHEIRO, M. A. S.; SILVA, V. G. Condições de trabalho da enfermagem nas enfermarias de um hospital universitário. **Revista Escola Anna Nery**, v. 14, n. 2, p. 244-252, 2010.

MELO, A. B. R.; SIQUEIRA, A. B.; SILVA, M. B.; SILVA, P. A.; ANTONIAN, G. M. M.; FARIAS, S. N. P. Hospital nurses' health and quality of life at work harms: a cross-sectional study. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 28, e46505, 2020. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/46505/3520>. Acesso em: 28 abr. 2024.

NASCIMENTO, F. P. B.; TRACER, G. M. P.; SANTOS, K. M.; SOUSA, K. H. J. F.; JESUS, A. S.; TOMAZ, A. P. K. A.; ZEITOUNE, R. C. G. Work-related health damage of nurses in a university hospital. **Acta Paul Enferm**, v. 35, eAPE039014234, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/VmHwRR7QQP64YdZxLtPFckM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 abr. 2024.

NOVARETTI, M. C. Z.; SANTOS, E. V.; QUITÉRIO, L. M.; DAUD-GALLOTTI, R. M. Sobrecarga de trabalho da enfermagem e incidentes e eventos adversos em pacientes internados em UTI. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, n. 5, p.

692-729, 2014.

PELEGRINI, J.; MARTINS, S. N. A história da mulher no trabalho: da submissão às competências. Um resgate histórico e as gestoras lajeadenses neste contexto. **Revista Destaques Acadêmicos**, ano 2, n. 2, 2010.

ROCHA, L. E.; DEBERT-RIBEIRO, M. Trabalho, saúde e gênero: um estudo comparativo sobre analistas de sistemas. **Revista de Saúde Pública**, v. 35, n. 6, p. 539-547, 2001.

RODRIGUES, B. C.; LIMA, M. F.; MASCHIO NETO, B.; OLIVEIRA, G. L. et al. Ser mãe e enfermeira: questões sobre gênero e a sobreposição de papéis sociais. **Revista Rene**, v. 18, n. 1, p. 91-98, jan.-fev. 2017. DOI: 10.15253/2175-6783.2017000100013.

SALIMENA, A. M. O.; SANTOS, E. M.; AMORIN, T. V.; GRECO, R. M. Enfermeiras com dupla jornada de trabalho: autopercepção sobre saúde. **Revista de Enfermagem Brasil**, v. 13, n. 2, p. 1-10, mar.-abr. 2014.

SANTOS, N. P. C. et al. Percepção de enfermeiras com dupla jornada de trabalho sobre segurança do paciente. **Revista Bahiana de Saúde Pública**, v. 12, supl. 1, p. 192-207, jan.-mar. 2018. Disponível em: <https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/2878/2400>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SCHULTZ, C.; COLECT, C. F.; TREVISO, P.; STUMM, E. M. F. Factors related to musculoskeletal pain of nurses in the hospital setting: cross-sectional study. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 43, e2010108, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/6xbx4T5FgHW4nXJ78hHrG9p/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2024.

SEADE – **Sistema Estadual de Análises de Dados**. Cuidados no domicílio: Estado de São Paulo. 2023. Disponível em: <https://cuidadosnodomicilio.seade.gov.br/wp-content/uploads/sites/20/2023/03/Seade-cuidados-domicilio-trabalho-cuidados-familia-majoritariamente-feminino-parental.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SILVA, B. M.; LIMA, F. R. F.; FARIAS, F. J. A. B.; CAMPOS, A. C. S. Jornada de trabalho: fator que interfere na qualidade da assistência de enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, v. 15, n. 3, p. 442-448, 2006.

SILVA, L. C. B.; GATTO, M. F.; COSTA, A. M. Desigualdade de gênero: uma análise sobre a dupla jornada de trabalho da mulher. **Revista Conjecturas**, v. 22, n. 6, 2022.

SIQUEIRA, C. B.; BUSSINGUER, E. C. A. As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher. **Revista Thesis Juris-RTJ**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 145-166, jan.-jun. 2020. DOI: 10.5585/rtj.v9i1.14977.

SOARES, S. S. S.; LISBOA, M. T. L.; QUEIROZ, A. B. A.; SILVA, K. G.; LEITE, J. C. R. A. P.; SOUZA, N. V. D. O. Dupla jornada de trabalho na enfermagem: paradigma da prosperidade ou reflexo do modelo neoliberal? **Revista Baiana de Enfermagem**,

---

v. 35, e38745, 2021.

SOUSA, L. L.; ARAÚJO, D. B.; SILVA, D. S.; BÊRREDO, V. C. M. Representações de gênero na prática de enfermagem na perspectiva de estudantes. **Cienc Cogn**, v. 19, n. 2, p. 218-232, 2014.

SPÍNDOLA, Thelma. Mulher, mãe e... trabalhadora de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 34, n. 4, p. 354-361, dez. 2000.

WONG, Robert. **O sucesso está no equilíbrio**. São Paulo: Campus, 2005.